

Mídia e Educação: os Processos Comunicacionais e Experiências na Área de Webrádio e Webtv no Ambiente Escolar¹

William Machado da SILVA²
Mariana Pouey da CUNHA³
Laura Kuhn MARQUES⁴
Marislei da Silveira RIBEIRO⁵
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho apresenta discussões engendradas a partir de um Projeto de Extensão na área de WebRádio e WebTV, ao visar à integração da universidade, escolas públicas, especiais e a sociedade. De maneira sistemática, buscou-se, a partir de questões de interesse dos alunos e professores das escolas parceiras, uma proposta de mídia-educação voltada para a construção de saberes disseminados, por meio das experiências diárias da comunidade acadêmica. Sendo assim, a estratégia adotada consiste em desenvolver atividades, numa perspectiva coletiva, reflexiva, criativa e interativa, envolvendo a apropriação das ferramentas na área das Tecnologias de Comunicação e Informação. Por essa ótica, as mídias foram abordadas enquanto espaços educativos que auxiliam na produção de conteúdos para pessoas com deficiência visual.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; educação; processos comunicacionais; webrádio; webtv.

1. INTRODUÇÃO

Levando-se em conta que a sociedade em rede está associada ao paradigma de informação e oportuniza novas práticas sociais no espaço e no tempo, além de viabilizar a inter-relação dos diferentes níveis de escolaridade através de conteúdos de interesse comum, optou-se por elaborar um Projeto de Extensão na área de WebRádio e WebTV. Também, em vista dos avanços tecnológicos acelerados e dos processos de mediação da contemporaneidade, compete considerar o que comenta Cardoso (*apud* Castells, 1999, p. II), “é preciso levar a sério as mudanças introduzidas no nosso padrão de sociabilidade em razão das transformações tecnológicas [...] que fazem com que a relação dos indivíduos [...] com o processo de inovação técnica tenha sofrido alterações consideráveis”.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Bacharel em Direito na UCPel; Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional pela UFPel e Aluno do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: williammachad@gmail.com

³ Aluna do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: mary-pouey@hotmail.com

⁴ Aluna do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: laurakmarques@gmail.com

⁵ Doutora em Comunicação pelo PPGCOM-PUC/RS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas e Orientadora do trabalho. E-mail: marisrib@terra.com.br

Sendo assim, o presente trabalho buscou utilizar os espaços educativos para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitassem a todos os envolvidos realizar aprendizagens diferenciadas mediante programas radiofônicos e de TV via Web, abertos, criativos e dialógicos, ao trabalhar os mais diferentes temas que poderiam agregar valor aos conteúdos desenvolvidos nos bancos acadêmicos, bem como intensificar a consciência cidadã para atividades de responsabilidade social, oportunizando aos alunos uma compreensão da inclusão digital e da interatividade midiática. Vale ressaltar que, com as ações desenvolvidas durante a execução do projeto, foi possível oferecer aos alunos de ensino fundamental e médio das escolas especiais novas vivências que colaborassem para a formação de gerações mais capacitadas a integrar diversas mídias de convergência digital.

Nesse sentido, as práticas confrontaram teorias estudadas, capacitando alunos e professores a atuar no campo da argumentação em benefício do bem comum, tornando-se capazes de participar das aceleradas transformações do mundo contemporâneo. Na nova configuração cultural, pretende-se obter aprendizagens não só personalizadas, mas também coletivas e permanentes, para que as comunidades virtuais facilitem a construção de saberes e o desenvolvimento de competências numa relação renovadora com o conhecimento.

Desse modo, o artigo tem, como objetivo, apresentar o desenvolvimento da pesquisa e atividades que foram realizadas no referido Projeto de Extensão, contemplado por meio do programa de extensão do Ministério da Educação e Cultura/PROEXT MEC/SESu, nos anos de 2014, de 2015 e no primeiro semestre de 2016.

2. MÍDIA E EDUCAÇÃO

Vivemos em um mundo no qual uma das grandes mudanças ocorridas nestes dois últimos séculos refere-se ao fenômeno midiático. Considerando a mídia como tema de reflexão, verifica-se que, além de estarem presentes em nosso cotidiano, às mesmas constituem-se pautas de discussões de interesse coletivos.

Segundo Lopes e Miani (2015), a inter-relação entre mídia-educação é constituída como a norteadora do processo de recepção, cuja esfera e discussão são permanentes, visto que se refere à formação cidadã dos sujeitos envolvidos. Primeiramente, as autoras relatam que o termo teve início nos encontros da UNESCO em 1973, referindo-se a capacidade de ensinar o uso dos meios de comunicação na esfera escolar. Após essas discussões, outras dimensões foram tratadas, enquanto um campo interdisciplinar e como prática social.

Contudo, a ideia consiste em propor a formação de sujeitos críticos e ativos diante dos meios de comunicação.

Tal busca pressupõe o entendimento do receptor enquanto ser histórica e culturalmente inserido em um grupo social, que participa de diversos processos comunicativos e é dotado de uma visão de mundo. Sua posição é ativa na sua relação com mensagens midiáticas, podendo inclusive reelaborá-las e confrontá-las (LOPES E MIANI, 2015, p. 561).

Assim, toda prática midiática configura-se como um ato de troca e de negociação das informações. Atuam como agentes do diálogo e da mediação com seus públicos. Na esfera da educação, como prática pedagógica dos professores, com o intuito de transmitir, propagar conhecimentos, competências e habilidades dos alunos. Dessa forma, no campo da comunicação digital, “as novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano” (SETTON, 2011, p. 91).

Por essa linha de pensamento, a proposta é um aprendizado contínuo, o desenvolvimento de uma atitude ativa dos receptores, por meio de canais alternativos de comunicação. Ou seja, a articulação dos aspectos teóricos do campo da mídia-educação, integrado aos fatos observáveis no decorrer das ações de campo. No entanto, torna-se necessário a apropriação das mídias, seus códigos, linguagens, ferramentas e técnicas.

3. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: PLATAFORMAS DE APRENDIZADO NAS MÍDIAS DIGITAIS

3.1. Os Desafios das Práticas Inclusivas Pedagógicas no Ambiente Escolar

A inclusão escolar de indivíduos com qualquer tipo de deficiência, seja física ou mental, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como comenta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, ingresso e permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, portanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de habilidades, não representando apenas o aumento do número de matrículas, traduzidas estatisticamente em vagas para alunos com deficiência nas turmas de ensino regular.

Ainda de acordo com Carvalho (2009), são três os pontos que devem ser analisados quando nos referimos à educação inclusiva: primeiro, devemos analisar as políticas educacionais, nas quais estão inclusas o método integrador, e a qualidade da oferta

educativa, além de questões organizacionais, como a administração do sistema adotado e a administração do atendimento educacional; segundo, devemos analisar as recomendações internacionais e, terceiro, investigar a opinião dos deficientes em questão e de suas respectivas famílias.

As políticas educacionais de cada país variam de acordo com o seu desenvolvimento social e cultural. Elas representam a regulamentação de práticas educacionais conforme a ideologia vigente. As instituições de educação privadas, que seguem o modelo neoliberal de organização social, têm, segundo Carvalho (2009), uma estrutura de melhor qualidade para o atendimento nessa área, além de determinados municípios do Brasil não terem sequer espaços destinados a pessoas com deficiência em suas escolas. Quando um município dispõe dos recursos para o atendimento ao aluno deficiente, não há oferta equitativa para todas as variações de deficiência, podendo, por exemplo, estar apta a receber um aluno com deficiência física, mas não um aluno com deficiência mental.

Considerando-se que as ofertas de serviços, governamentais ou não, estão longe de suprir nossa demanda, podemos reunir os desafios citados num único e complexo obstáculo que exige urgentes soluções: dispor, em todas as localidades, de ofertas educativas para todas as modalidades de manifestação de deficiência, seja sob a responsabilidade direta do poder público governamental seja da iniciativa particular (CARVALHO, 2009, p. 106).

Nessa perspectiva, a questão quantitativa da oferta não corresponde à demanda, e a questão qualitativa também é considerada um desafio. O processo de ensino-aprendizagem não tem a garantia de qualidade, que varia desde a falta de uma estrutura adequada, até a especialização de profissionais. O ambiente escolar representa, para muitos alunos, a única oportunidade de acesso ao conhecimento e à apropriação da norma culta. A escola deveria, conseqüentemente, proporcionar o desenvolvimento intelectual do indivíduo e contribuir para a sua criticidade. Esses são alguns dos valores que a educação inclusiva propõe.

Outro ponto analisado por Carvalho (2009) são as etapas do fluxo de escolarização, ainda muito discutidas no âmbito da educação especial. Nesse aspecto, avalia-se a barreira existente desde a educação infantil até a universidade, a qual, de acordo com a autora, não deveria existir, visto que tais barreiras atrasam o processo educativo. Os conceitos *integração* e *inclusão* também geram controvérsias entre os educadores. Integração representa o envolvimento de pessoas com deficiência na comunidade de pessoas que não possuem deficiência. “A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas

num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade” (CARVALHO, 2009, p. 111).

A inclusão, diferentemente, é o espaço designado para receber os indivíduos com algum tipo de deficiência, como escolas aptas a colher alunos deficientes ou ambientes adaptados para o mesmo fim. Em vista disso, no Brasil, as práticas inclusivas pedagógicas ainda apresentam inúmeros desafios, pois muitos dos educadores não se sentem aptos para atender aos diferentes grupos de pessoas com deficiência.

3.2. O uso das plataformas digitais como forma de inclusão

A comunicação é uma das áreas de maior influência na organização social. Ela permite a construção das sociedades como as conhecemos hoje e possibilita que essas sociedades sejam preservadas através da comunicação. Na atualidade, o uso do ciberespaço como mais um meio comunicacional aumenta a abrangência das trocas de informação.

(...) com o surgimento de tecnologias que possibilitaram a comunicação à distância, desde a escrita até mais recentemente a internet, surgem novas formas de sociabilidade onde não mais é preciso estar face a face para interagir com outras pessoas. Como consequência, pode-se dizer que a representação do corpo e suas significações também se alteram, quando se trata deste novo espaço. Nesse cenário, onde novas formas de comunicação estão surgindo e possibilitando também novas maneiras de sociabilidade, a internet surge como importante meio de intensificação deste processo, pois as interações que emergem no ambiente virtual, tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade (BALDANZA, 2014).

Assim, o surgimento desse novo espaço de plataformas digitais com novos recursos tecnológicos tornou possível o processo de inclusão. Isso, porque as diversas mídias digitais estão inseridas no cotidiano das pessoas, especialmente, no dia a dia escolar. Ao trabalhar com as mídias, os professores permitem a aprendizagem e contribuem para a formação cidadã dos alunos. Cabe salientar que a crescente digitalização das informações fez com que a informática criasse novas adaptações para seu uso e, por consequência, aumentasse o número de indivíduos que podem se apropriar dessas ferramentas. Um dos fatores que impulsionam o crescimento da utilização de aparelhos digitais para o fim de comunicação é o estímulo de concorrência do mercado, gerando produtos com custos diversificados, desde baixos até altos valores e com adaptações que suprem as necessidades particulares de cada indivíduo.

As ferramentas de comunicação e interconexão abrem um leque de oportunidades, principalmente, para os sujeitos cujos padrões de aprendizagem não seguem os quadros típicos de desenvolvimento. Os estudos mostram que pessoas limitadas por deficiências não são menos desenvolvidas, mas sim se desenvolvem de forma diferenciada. Desse modo, há possibilidades dos ambientes virtuais poderem ser assumidos como recursos para o desenvolvimento, a interação e a inclusão digital/social de pessoas com necessidades educativas especiais – PNEEs (COSTI, 2002).

Partindo dessa premissa, a utilização da WebRádio e a WebTV, enquanto ferramenta de interação, amplia o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos que fazem uso dessa experiência na sua prática comunicacional. A dimensão dialógica desses dois meios é representada pela sociabilidade *desterritorializada* do espaço virtual, ou seja, o espaço físico que se associa ao corpo não é essencial nesse processo, e isso faz com que as limitações físicas e de sentido não sejam obstáculos na comunicação.

4. WEBJORNALISMO – UMA FERRAMENTA ALTERNATIVA DE COMUNICAÇÃO

O jornalismo na Web passa por diferenciações, principalmente, no que se refere à sua comunicação digital. Podemos começar analisando um mecanismo utilizado que é o *World Wide Web* (WWW ou Web). Quanto à sua utilização, já havia trocas de *e-mails* (correios eletrônicos), publicações de informações e serviços oferecidos para públicos distintos. Inicialmente, as nomenclaturas para definir o Jornalismo na Web são variadas, como “ciberjornalismo”, “jornalismo *on-line*”, “jornalismo digital” etc. Contudo, dá-se a relevância primordial ao tipo e aos formatos de programas que são vinculados na Web, mostrando as formas de abordagens adotadas (MIELNICZUK, 2001, p. 3).

Com base nisso, o jornalismo na Web passa por algumas fases. Na primeira, vislumbram-se as transposições de notícias que eram vinculadas nos jornais e ganharam espaço na internet. Logo após, denomina-se como segunda fase aquela em que as metáforas junto aos modelos do jornal impresso apresentam-se com os mecanismos utilizados pela rede (MIELNICZUK, 2001).

Dessa forma, percebe-se a mudança de paradigma a partir do momento das iniciativas empresariais em relação aos seus editoriais pensados com exclusividade para a internet, através de *sites* de cunho jornalístico que exploram, com mais preciosismo, as potencialidades que são disponibilizadas na rede, tendo-se aí o WebJornalismo.

Para isso, necessita-se do entendimento de algumas características do WebJornalismo, enquanto elemento diferenciado e produtivo para veiculação da notícia. Dentre elas, apresenta-se a interatividade como uma das formas de trazer o seu leitor/espectador para ser parte integrante do processo de construção do fato noticioso, mediante a participação ativa do espectador, como a troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas (PONTES, 2009).

No que tange à convergência midiática, apresenta-se um fator de integração das redações em que se possui o impresso, *on-line* e rádio e TV, visto que ocasiona um elevado critério em relação a responsabilidades de trabalho. O resultado desse processo acelerado tende a mudar a função e atividade do profissional da comunicação, dificultando seu processo de adaptação. Contudo, as grandes empresas jornalísticas investidoras divulgam vários artigos e produtos que se destinam a públicos diferenciados e sabem aproveitar a credibilidade de seus fornecedores, ao transmitirem o “fato noticioso”. Com isso as notícias vinculadas geram credibilidade para o seu espectador (RODRIGUES, 2009).

Tais dificuldades são apresentadas em virtude do surgimento de novas tecnologias e da introdução de novos dispositivos. Esses elementos variam as formas de linguagem, dificultam a readaptação e afetam diretamente as rotinas jornalísticas. Para Rodrigues (2009), com o aprimoramento e o uso das ferramentas de informações, as empresas de comunicação realizaram vários investimentos no novo ambiente.

5. A RÁDIO NA ESCOLA COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Plataforma de comunicação que rompe o monopólio, a WebRádio está inserida no novo contexto de mídias digitais. Com o advento da internet, o público de interação em um veículo antes restrito a pessoas da terceira idade, agora, integra diversos públicos, uma vez que a internet possibilita criar um campo de construção de debates, tornando o rádio acessível aos mais diversos públicos.

O público que passa por uma rádio no formato audiocast pode tornar-se assíduo e usufruir de um canal em que ele possa interagir para solucionar suas dúvidas e assim adquirir mais informações dentro dos temas que envolvem seus interesses. Formando-se relacionamentos sociais a partir de atrativos comuns em uma "*remixabilidade* colaborativa" (termo cunhado por Barb Dybawd), termo aqui perfeitamente adequado quando usado na fase digital, pois, no seu início, remixar era um procedimento usado com simples na música pop (PRADO, 2011, p. 130).

Tendo em vista que o público na Web é infinitamente maior, não fica preso a um localismo, regionalismo ou, até, nacionalismo. Assim, há uma facilidade para o ouvinte baixar o programa e escutá-lo em qualquer tipo de aparelho, seja um celular ou tocador de mp3. Há também a facilidade de se criar uma WebRádio. Enquanto para criar uma rádio convencional são necessárias autorizações e concessões, para a criação de uma rádio *online* não é preciso nada disso.

A interatividade e a portabilidade sempre fizeram do rádio o veículo mais próximo do ouvinte. A internet deve ajudar nessas características para que o rádio continue vivo. Mesmo que o rádio digital brasileiro não saia do papel, a digitalização antecipada pela internet continuará a provocar mudanças significativas na linguagem, nas formas de emissão e recepção, e também em toda a cadeia produtiva do antigo veículo. Cresce o consumo de conteúdos de rádio em aparelhos e suporte digitais. Urge concluir o ciclo e digitalizar a transmissão e a recepção aberta, para que o rádio ingresse definitivamente na era da informação. (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p. 436).

Com isso, a revolução tecnológica vem para forçar a reinvenção das plataformas midiáticas sem que a sociedade abra mão dos tradicionais veículos de comunicação. Não só tornou o cenário de comunicação mais amplo, como também modificou a maneira de se comunicar. Vê-se aí a construção de uma nova identidade: há maior facilidade de se comunicar em uma nova linguagem. Com a influência da internet na construção de outro modo de se comunicar, o rádio viu a necessidade de ocupar esse espaço para dialogar com a população. A relação não se deu entre público e veículo, mas pelo contrário, quando o rádio percebeu a importância também em migrar para a internet.

O rádio não é mais o primeiro veículo a dar a informação. A internet é tão instantânea quanto o rádio, e atualmente há uma tendência de aumento do número de pessoas que se informam primeiramente pela web. Dessa forma, algumas rádios abertas começam a apostar em outra característica para compensar a concorrência do jornalismo digital (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p. 439).

As discussões e os debates realizados através de uma rádio tradicional ou *web* dentro do ambiente da escola na rede pública transformam não somente a comunidade escolar, mas também os moradores do bairro. Desta maneira, diversos assuntos, como o combate à violência e às drogas, entre outros temas que envolvem as demandas da comunidade local, são cada vez mais frequentes nas discussões dos projetos desenvolvidos na escola, pois o ambiente é propício para a formação de cidadãos (AMARANTE, 2012, p. 64).

Vale ressaltar que a internet não chegou para substituir o rádio, mas sim para facilitar o acesso e adequá-lo à nova era da informação. Em uma sociedade que está

constantemente em transformação e com a globalização diminuindo as distâncias entre as culturas, os veículos de comunicação também se tornaram globais.

6. CENÁRIO DE PESQUISA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PARCEIRA E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia alternativa, no desenvolvimento do projeto, executam-se atividades pedagógicas na área de WebTV e WebRádio, em uma escola que atende pessoas com deficiência visual. Isso permite a produção do conhecimento, especialmente, nas áreas da linguagem, códigos e suas tecnologias. Nesse contexto, busca-se confrontar os novos desafios – adaptando-se às exigências na educação inclusiva, ou seja, na formação do sujeito autônomo e crítico - no ambiente educacional.

Considerando que o trabalho vem sendo desenvolvido desde 2014, foi realizada primeiramente, uma parceria com a escola estadual Nossa Senhora de Lourdes – na cidade Pelotas/RS. Sendo assim, foram executadas atividades para 288 alunos, de três séries (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Politécnico) e de oito turmas diferentes da escola pública, parceira do projeto - Num primeiro momento, foram feitas oficinas de Leitura e Produção Textual, Dicção e Oratória, cobertura dos eventos na escola, entre eles, destacam-se: Festa Junina, Olimpíada da Matemática e Seminários Integrados).

Nas oficinas de Expressão Corporal, as atividades destinadas à consciência do próprio corpo foram organizadas com o intuito de elucidar posturas adequadas. Nos programas de WebRádio/TV, as pautas foram: “Violência contra Mulher”, “Trânsito”, “Discriminação” e “Direitos Civis na Internet”. Os referidos programas contaram com a presença de profissionais especializados nas temáticas em foco, estruturadas para estimular os alunos a analisar assuntos atuais e discuti-los em sala de aula, com a finalidade de produzir a inter e a transdisciplinaridade entre aluno e professor.

6.1. Breve Histórico da Escola Louis Braille

Com o intuito de incluir pessoas com deficiência visual no ambiente escolar, em 1946 foi idealizada a Escola Louis Braille, contudo apenas efetivada em 1952. Com o apoio da comunidade pelotense, recebe, ainda na sede da Biblioteca Pública, os primeiros alunos com esse tipo de deficiência. Hoje, a escola continua contando com o suporte das entidades

de classe, de universidades, de cooperativas e de profissionais dispostos a ajudar, tais como: médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros (CARVALHO *et al* 2009, p. 56).

Atualmente, em seu prédio próprio, a escola em foco funciona em dois turnos, de modo que possa abranger os alunos que procuram a instituição, de diferentes faixas etárias, bem como estudantes da rede pública municipal e estadual. Além de atender pessoas com deficiência visual, a escola também recebe pessoas com outros tipos de limitações, como por exemplo, autismo (CARVALHO *et al* 2009, p. 56).

Assim, a proposta pedagógica da escola, além de integrar os alunos com deficiência visual à comunidade, busca o apoio das universidades e demais instituições de ensino, como forma de fortalecimento das habilidades cognitivas e de consolidação da aprendizagem dos indivíduos.

6.2. Programas de WebRádio e WebTV e as propostas interativas no ambiente digital na escola parceira Louis Braille

No início do ano de 2015, agregou-se ao projeto a temática de Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais. A partir do mês de fevereiro, foi incluída ao projeto a Escola Louis Braille, cujo histórico será apresentado no próximo subitem. Para Gil (2002, p. 63):

Após a formulação clara do problema e de sua delimitação, elabora-se um plano de assunto, que consiste na organização sistemática das diversas partes que compõem o objeto de estudo. Construir um plano significa, pois, definir a estrutura lógica do trabalho, de forma que as partes estejam sistematicamente vinculadas entre si e ordenadas em função da unidade de conjunto.

No primeiro momento, foram realizados encontros semanais com a escola parceira Louis Braille, junto à equipe diretiva, pedagogos, assistente social e professores da instituição, cuja função é facilitar as práticas inclusivas. Diante disso, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Os observadores desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos. Com base nisso, foi apresentada a proposta da criação de materiais audiovisuais e oficinas a serem desenvolvidas na escola.

Foram criados os seguintes programas: “A musicalidade como forma de ensino”, “Audiodescrição como forma de entretenimento através da exibição de filmes”,

“Capacitação dos professores da rede regular de ensino sobre a linguagem Braille”, “Apoio pedagógico no ensino e aprendizagem” e “Rádio corredor”. Com relação às oficinas, foram ministradas técnicas de produção radiofônicas para os alunos com deficiência visual, por profissionais da área, junto com os alunos bolsistas, empreendendo a reativação da rádio interna da escola. Os programas são produzidos semanalmente durante o intervalo escolar, com o suporte técnico dos discentes do projeto, que escolheram o nome “Rádio Louis Braille FM”.

Em parceria com o Centro de Artes da UFPel, desenvolveram-se oficinas Sensoriais, como "Desenho na Cozinha", "Flauta Transversal" e "Musicalidade". Nas atividades e apresentações por parte dos acadêmicos da Música e das Artes Visuais foi oportunizado, incentivado e estimulado os demais sentidos. O desenvolvimento das oficinas buscou o emprego da mídia-educação, como forma de expressão e de produção.

Para Martha Silva, professora da Escola Louis Braille "a oportunidade é ótima, principalmente a parte das artes, em que eles têm uma sensibilidade maior do que, nós videntes, eles sentem mais, tem a audição, e todos os outros sentidos mais desenvolvidos, então conviver com a música e com as artes para eles e uma maravilha". Com relação à radioescola, a professora comenta que a "atividade religou a comunidade acadêmica, ao espaço educativo, pois os alunos começaram a ter consciência do que é uma atividade cultural, do que é mobilizar. Foi visível o entusiasmo e empenho dos participantes. Eles vencem a timidez e descobrem outros talentos". Como afirma Peruzzo (2015), a produção de mensagens radiofônicas, constitui-se um local de prática social transformadora.

Ao dinamizar as relações dos envolvidos no projeto, com os membros da escola, foi aberto espaço para outras atividades artísticas e culturais, como a oficina "Cultivo & Arte", na qual os alunos aprenderam sobre cultivo das plantas, cuidados e outras formas de mantê-las. Essa oficina, contou com o apoio de alunos do curso de Agronomia da universidade.

Outro depoimento significativo foi o da vice-diretora da escola, professora Rosana Maria Soares Martins, segundo a qual "o projeto foi muito importante para a escola, principalmente para os nossos alunos. Eles puderam com esse projeto da WebRádio, aprender a se comunicar melhor, se posicionar, se expor". A dinâmica oferecida nas atividades, "contribuiu para reforçar a autoestima, o sentido do trabalho em equipe e as discussões sobre as mensagens da mídia geral, visto que os estudantes gostam de escutar rádios locais".

Dessa forma, como afirma Peruzzo (2015), a Mídia-Educação e a Comunicação Comunitária acontecem quando a comunidade se envolve voluntariamente na construção dos meios. Verificou-se que o trabalho de WebRádio, teve resultados expressivos, dando a oportunidade da criação de métodos inclusivos. Como relata o estudante Emanuel Gonçalves, 5º ano, "houve a participação espontânea e estímulos para potencializar nossas qualidades". Além de que as atividades que estão sendo desenvolvidas, principalmente a Rádio Louis Braille, foram "planejadas e apresentadas pelos colegas". "Aprendemos as técnicas, a elaboração das ideias e as mensagens radiofônicas, comentando e divulgando os eventos da escola" (Patrick Farias Dias, 4º ano).

6.3. Registro das Atividades Realizadas

Figura 1. Oficina "Desenho na Cozinha" no Centro de Artes.



Figura 2. Acompanhamento da apresentação de "Flauta Transversal" no Centro de Artes.



Figura 3. Rádio Braille.



Nesse sentido, com o material gerado nas atividades citadas, tornou-se possível a realização de um produto audiovisual. Para tanto, foi empregado um software de edição de vídeo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de diferentes atividades que buscam aprimorar uma educação inclusiva, pretende-se, com este artigo, divulgar as múltiplas possibilidades de aplicação das novas tecnologias a partir do projeto de extensão em foco. Todavia, já se podem apresentar algumas considerações. Espera-se que o trabalho desenvolvido tenha sido relevante, tanto para a universidade, quanto para a comunidade na qual está inserida, já que propiciou a aplicação de práticas pedagógicas interativas.

Segundo Lévy (1999), a multimídia interativa ajusta-se muito bem aos usos educativos, favorecendo o envolvimento pessoal do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem. À proporção que uma pessoa participa da construção de um conhecimento, ela integra e retém o que aprende. Além disso, esse tipo de multimídia contribui para a formação de uma atitude de exploração e ludicidade devido à facilidade de assimilação de conteúdos. Consequentemente, a WebRádio e a WebTv constituem ferramentas muito úteis a uma pedagogia ativa e de abordagem comunicacional.

Nesse contexto, a utilização dos recursos e das técnicas propiciou a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas, mediante a orientação e colaboração dos professores. Assim, acredita-se que a aplicação da mídia-educação, reafirma a proposta de maior envolvimento dos alunos, professores e integrantes do projeto. Além disso, a proposta é conscientizar de que os meios de comunicação são construções coletivas, havendo a necessidade da participação dos todos.

Finalmente, com o resultado dessa experimentação, pretende-se ampliar e aprofundar as perspectivas de atuação dos alunos e docentes com uma visão mais abrangente, por meio da interface entre educação e mídia. Partindo dessas informações, a ideia é de que o recurso tecnológico é pedagógico e, o indivíduo passa a ter autoria na produção das mensagens. Sendo assim, é preciso ampliar o debate e refletir sobre a cultura e o fenômeno das mídias, sobretudo às digitais. A intenção é convidar os atores envolvidos a fazer uma imersão nesse amplo, diverso e instigante campo de investigação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C; MAGNONI, A.F. **Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao rádio jornalismo.** (IN). FERRARETTO, Luiz Artur;

AMARANTE, M. I. **Rádio comunitária na escola: adolescente, dramaturgia e participação cidadã.**/Maria Inês Amarante. Prefácio de Cicilia M. Krohling Peruzzo – São Paulo: Intermeios, 2012.

KLOCKNER, L. (Org.). **E o rádio? Novos horizontes.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BALDANZA, R. F. **A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual.** UERJ. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63960297667367250954516430239393812902.pdf>>

CARVALHO, Ed. R. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem: educação Inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

CARVALHO, M. P. (*et alli*); **Atuação da fisioterapia em deficientes visuais. In: HYGEIA Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, 5 (9), dez./2009, t.53-62.** Disponível em <<http://www.hygeia.ig.ufu.br>>

COSTI S. L. Inclusão digital: espaço possível para pessoas com necessidades educativas especiais. Revista Educação Especial, 2002. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5065/3063>>

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: editora Atlas, 2002.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na Web.** In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2., Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2001.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, M.F; MIANI, R.A. **Mídia-Educação e Histórias em Quadrinhos- Uma proposta de Alfabetização Crítica e Criativa na Linguagem das HQ com Estudantes de 5 Ano.** (IN) PERUZZO, C.M. **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

PONTES, L.R. **Webjornalismo: Conceitos, Fases e Características.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

PRADO, M. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RODRIGUES, C. **Jornalismo Online: modos de fazer (organização).** – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009. – 1ª reimpressão.

SETTON, M.G. **Mídia e Educação.** São Paulo: Contexto, 2011.